

Avaliação da prática da automedicação entre acadêmicos de Farmácia de uma universidade pública da região oeste do Rio Grande do Sul

Evaluation of self-medication practices among Pharmacy students at a public university in the western region of Rio Grande do Sul

Lisiane Bajerski¹, José Victor Mezadri², Clésio Soldatelli Paim³

RESUMO

A grande diversidade e facilidade de acesso de algumas classes de medicamentos estimula a automedicação. Observa-se que tal prática não é comum apenas entre os leigos, mas também é bastante realizada por pessoas de diferentes níveis de escolaridade, em especial, entre os universitários. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo analisar a prática da automedicação entre acadêmicos do curso de Farmácia da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana/RS. Para tanto, foram aplicados questionários a 148 discentes, do 1º ao 8º semestre. Os resultados demonstraram que 79,04 % dos estudantes realizam automedicação, apenas quando necessário, estimulados pelo fato de já terem utilizado alguns desses medicamentos anteriormente. O desejo de aliviar a dor (27,50 %) e sintomas da gripe ou resfriado (23,26 %) foram os motivos mais citados para automedicação com analgésicos (15,76 %), anti-inflamatórios (15,15 %), antigripais (14,03 %) e antialérgicos (12,69 %). O conhecimento próprio (21,91 %) e a bula (20,35 %), foram as principais fontes de conhecimento prévio sobre o uso de medicamentos. Por fim, 74,95% dos acadêmicos afirmaram que não houve aumento da prática da automedicação, após seu ingresso na graduação, comprovando que os conhecimentos adquiridos ao longo do curso contribuíram para o uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Curso de Farmácia. UNIPAMPA.

ABSTRACT

The wide diversity and ease of access to some classes of medications encourages self-medication. This practice is not only common among laypeople but also widely practiced by people of all educational levels, especially university students. Therefore, this study aimed to analyze the practice of self-medication among Pharmacy students at the Federal University of Pampa, Uruguaiana Campus Rio Grande do Sul. To this end, questionnaires were administered to 148 students, from the first to the eighth semesters. The results showed that 79.04% of students self-medicate only when necessary, encouraged by the fact that they have previously used some of these medications. The desire to relieve pain (27.50%) and flu or cold symptoms (23.26%) were the most cited reasons for self-medication with analgesics (15.76%), anti-inflammatories (15.15%), flu medications (14.03%), and antihistamines (12.69%). Personal knowledge (21.91%) and the package insert (20.35%) were the main sources of prior knowledge about medication use. Finally, 74.95% of students stated that there was no increase in self-medication after entering the undergraduate program, demonstrating that the knowledge acquired throughout the course contributed to the rational use of medications.

Keywords: Self-medication. Pharmacy Course. UNIPAMPA.

¹ Doutora Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: 0000-0001-7079-8036

E-mail:
lisianebajerski@unipampa.edu.br

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). ORCID: 0009-0009-8576-9479

E-mail:
josemezadri.aluno@unipampa.edu.br

³ Doutor em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: 0000-0001-7789-0492

E-mail: clesiopaim@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), automedicação é a prática relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos sem a prescrição, orientação e/ou acompanhamento de um profissional da área da saúde (médico ou dentista) (Brasil, 1998). Em contrapartida, a prática na qual indivíduos tratam ou aliviam seus próprios sintomas ou doenças com medicamentos aprovados para venda livre sem prescrição médica, é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como automedicação responsável (OMS, 1998).

No Brasil, a automedicação é considerada um problema de saúde pública e um hábito cada vez mais comum na população, onde 77% dos brasileiros assumem que fazem uso de medicamentos por conta própria, conforme revela pesquisa solicitada ao Instituto Datafolha, pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2019). A nível mundial, nosso país encontra-se na primeira posição, entre os países da América Latina, e no quinto lugar do ranking mundial no consumo de medicamentos. Essa classificação tem como consequência cerca de 24 mil óbitos anuais relacionados à intoxicação medicamentosa (MOTA *et al.*, 2008; BISPO *et al.*, 2017).

A praticar a automedicação tem como objetivo principal amenizar sintomas clínicos comuns como dores de cabeça, garganta, musculares, estomacais, má digestão, infecções de pele ou respiratórias, alergias, cólica, diarreia, parasitos, desgaste físico e mental, entre outros (ARRAIS *et al.*, 1997; COELHO, 2017). Tal comportamento é motivado pelo acesso facilitado à informação e compra de medicamentos pela *internet*, indicação de amigos e familiares, uso de prescrições médicas anteriores, estoques domiciliares de medicamentos e dificuldade de acesso aos serviços de saúde (DHAMER *et al.*, 2012; CARREGAL e SILVEIRA, 2014; DOMINGUES *et al.*, 2015; PONS *et al.*, 2017; OLIVEIRA, 2021).

Na atualidade, a busca pela automedicação não se restringe apenas entre aqueles com pouco conhecimento sobre o assunto. Tal comportamento tem sido bastante observado entre estudantes universitários de diversos cursos e, em especial, pelos da área da saúde, o que é mais preocupante, visto que à medida que avançam nos cursos e adquirem mais conhecimento sobre medicamentos e sintomas das doenças, proporcionam um aumento nas taxas de automedicação (GALATO *et al.*, 2012; GAMA e SECOLE, 2017; RATHISH *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2018). Este assunto tem sido amplamente estudado

em países da Europa, Ásia e América do Norte, enquanto no Brasil, pesquisas sobre a temática vem crescendo a cada ano (TARLEY *et al.*, 2018; SOUZA *et al.*, 2020).

Estudos revelam que o consumo frequente e indiscriminado de medicamentos é elevado entre acadêmicos dos cursos da área da saúde, em especial, no de graduação em Farmácia, devido ao fato de estudarem de forma aprofundada a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos (ALBUQUERQUE *et al.*, 2015). Em razão de conhecerem os riscos e benefícios dos medicamentos, estes estudantes sentem-se mais confiantes ao se automedicarem, sendo capazes de solucionar seus problemas de saúde, evitando, por isso, o aconselhamento médico (LOPES *et al.*, 2001; GALATO *et al.*, 2012).

Sob tal óptica, a automedicação no curso da Farmácia faz parte de uma conjuntura que afeta os alunos e, também, os futuros e atuais profissionais farmacêuticos, já que os alunos também podem ser pacientes, e futuramente serão profissionais da área. E com isso, uma visão melhorada sobre os diferentes aspectos da automedicação no contexto universitário acaba por manejar uma melhor compreensão do cenário acadêmico nesse âmbito por parte do farmacêutico, para saber instruir melhor esse nicho de pacientes e, também, por parte dos alunos, para serem mais responsáveis nesse autocuidado e, quando possível, procurarem ajuda do farmacêutico.

Por fim, em virtude do crescimento da problemática da automedicação no universo acadêmico a presente pesquisa objetivou conhecer o comportamento dos discentes do curso de Farmácia da UNIPAMPA frente a essa questão. Com base nos resultados obtidos a partir da aplicação de um questionário, pretende-se realizar ações de conscientização sobre os riscos do uso irracional de medicamentos entre esses estudantes, de maneira a contribuir com que os futuros farmacêuticos tenham noção da sua importância como profissional da área da saúde e evitem usar medicamentos de forma indiscriminada.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa do tipo observacional descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, realizada no período de agosto a dezembro de 2023, com acadêmicos do curso de Farmácia da UNIPAMPA, no município de Uruguaiana, região Oeste do Rio Grande do Sul.

Desse modo, realizou-se uma amostragem por conveniência através da seleção das disciplinas com maior número de alunos matriculados por semestre. Para o cálculo do

tamanho amostral considerou-se o número de 25 vagas semestrais ofertadas pelo curso, supondo-se um total de 200 discentes matriculados entre o 1º e o 8º semestre. Sabendo-se que a taxa de evasão discente foi de 2,47%, de acordo com dados obtidos do Relatório de Auditoria Interna de 2019, a população deste estudo seria de 195 estudantes. No entanto, para que esta pesquisa tivesse um número amostral representativo do ponto de vista estatístico, seria necessária a participação de, no mínimo 131 dos 200 matriculados, considerando um limite de confiança de 95% e erro de 5%.

A coleta de dados deu-se através da aplicação de um questionário estruturado, composto por 11 perguntas do tipo fechadas, o qual foi previamente submetido a um teste-piloto com 10 alunos, que não faziam parte da amostra, para adaptações das questões caso fosse necessário.

A aplicação do instrumento de coleta de dados em sala de aula ocorreu somente após o agendamento prévio com os professores responsáveis pelas componentes curriculares. Antes da distribuição do questionário, entregou-se aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), explicando os objetivos, benefícios e esclarecimento sobre a ausência de riscos do trabalho e garantia de anonimato. Após a leitura e assinatura deste, realizou-se a aplicação do questionário, cujo tempo estimado para conclusão foi de, aproximadamente, 30 minutos.

Como devolutiva aos participantes, efetuou-se a postagem, nas páginas das redes sociais da universidade, dos resultados mais relevantes da pesquisa. Tal prática permitirá o acesso ao conteúdo publicado, não somente dos discentes do curso de Farmácia, mas também dos demais cursos da UNIPAMPA.

Vale lembrar que, o presente projeto foi submetido à Plataforma Brasil de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta as diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). A execução do trabalho ocorreu somente após recebimento de parecer favorável do comitê de ética da presente universidade (CAAE nº 69071423.6.0000.5323).

Os dados coletados foram organizados na forma de planilhas e tabelas utilizando o programa Microsoft Office® Excel. Para análise estatística das variáveis qualitativas utilizaram-se os parâmetros de frequência absoluta e relativa (%), enquanto para as quantitativas a média, o desvio padrão e valores mínimo e máximo.

3. RESULTADOS

Durante o período de 18 de setembro a 6 de outubro de 2023, foram aplicados os questionários da pesquisa a uma amostra final de 148 alunos. Este número foi menor que os 205 matriculados nos componentes curriculares escolhidos do 1º ao 8º semestre, porém maior do que o mínimo de 131 discentes previstos para se obter um número amostral estatisticamente representativo.

Com base na análise dos resultados obtidos constatou-se que, em média, 79,04 % ($n = 111$) dos discentes costumam praticar a automedicação “quando necessário” (Gráfico 1). Ainda dentro desta opção, destacam-se os alunos do 7º semestre, os quais foram os únicos a marcar, por totalidade, esta alternativa. Em relação às demais respostas 12,13 % ($n = 20$) dos acadêmicos automedicam-se de “2 a 4 vezes na semana”, 3,59 % ($n = 6$) “todos os dias”, 3,45 % ($n = 6$) “uma vez ao mês” e 1,79 % ($n = 3$) “mais de 5 vezes por semana”.

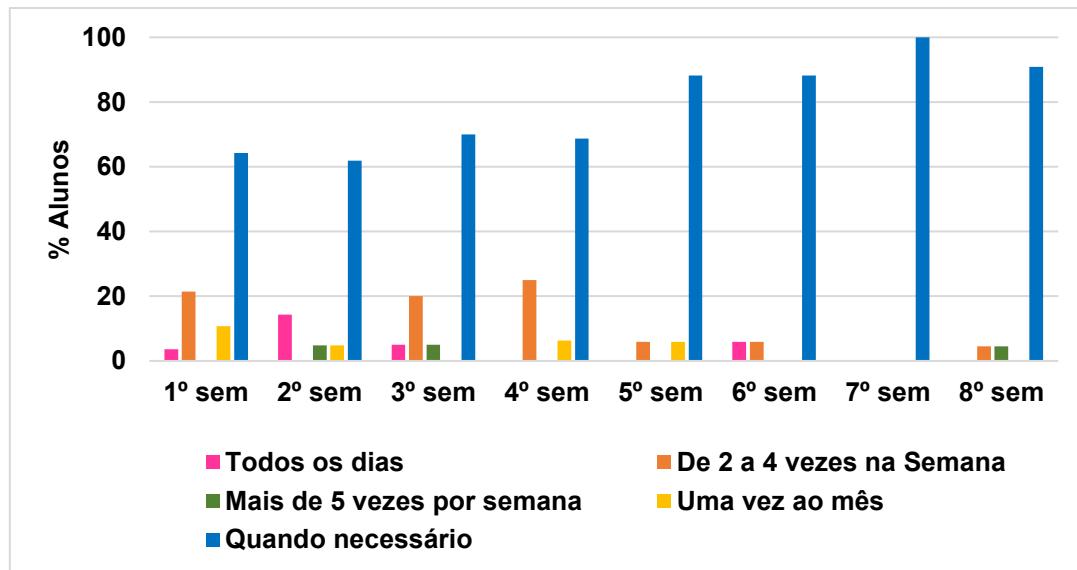


Gráfico 1. Com que frequência você pratica a automedicação?

Em relação ao conhecimento sobre os efeitos da automedicação, 92,57 % ($n = 137$) dos acadêmicos do 4º ao 8º semestre afirmaram ter ciência sobre o assunto, em relação a 7,43 % ($n = 11$) dos alunos, referentes ao 1º ao 3º período, que responderam o contrário.

A respeito das consultas médicas, 10,72 % ($n = 17$) dos estudantes realizaram sua última consulta a “menos de 1 semana”, 18,48 % ($n = 28$) “entre 1 semana e 1 mês”, 33,77 % ($n = 45$) “entre 1 a 3 meses”, e 37,03 % ($n = 57$) “a mais de 3 meses”.

Quando questionados sobre quais problemas de saúde seriam os motivadores para automedicação, os discentes marcaram mais de uma resposta, sendo o alívio da dor (27,50 %, n = 118) e gripe ou resfriado (23,26 %, n = 90) aqueles mais citados. Outras razões foram citadas em menor proporção (2,84 %, n = 9), como asma, vaginose, parasitose, melhora da concentração, cansaço, rinite, sinusite, gastrite e intolerância à lactose.

As classes de medicamentos mais utilizadas para automedicação (Gráfico 2) em todos os semestres foram os medicamentos isentos de prescrição (MIPs) como analgésicos (15,76 %, n = 23), anti-inflamatórios (15,15 %, n = 22), antigripais (14,03 %, n = 20) e antialérgicos (12,69 %, n = 18). Esses resultados vão ao encontro dos fatores motivacionais para automedicação relatados pelos alunos, como alívio da dor, gripe ou resfriado, entre outros. Os demais medicamentos como anticoncepcionais, antibióticos, antitussígenos, antitérmicos e corticoides nasais, foram relatados em menor escala (4,16 %, n = 6).

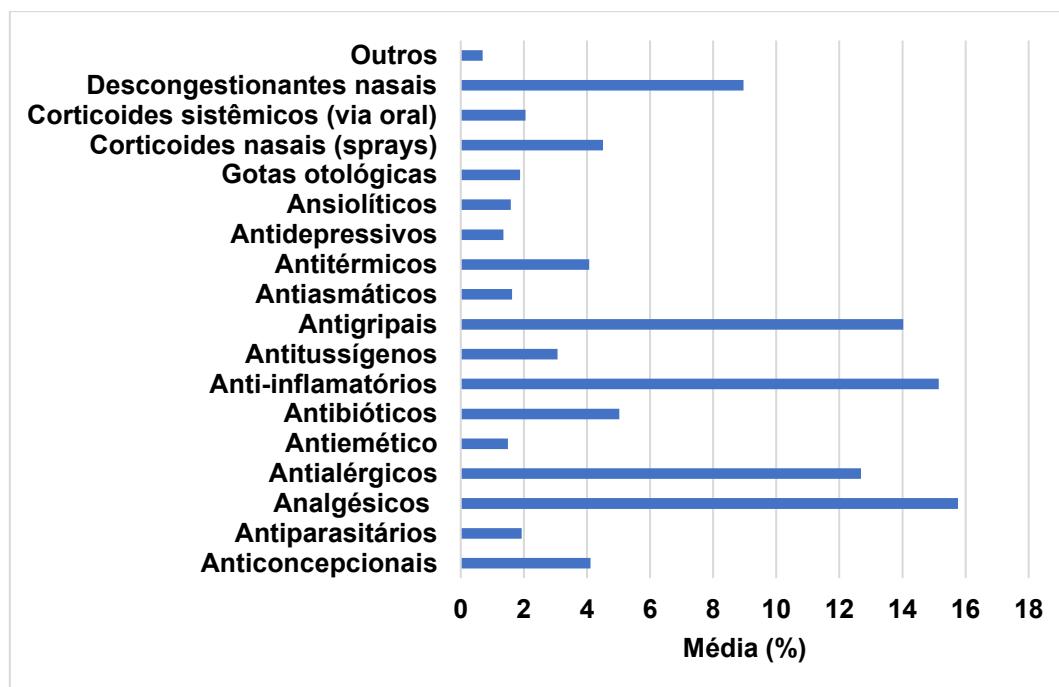


Gráfico 2. Qual (is) o (s) medicamento (s) que você já se automedicou?

Após a automedicação com as classes de medicamentos descritas, em média, 84,23 % (n = 124) dos estudantes relataram ter ocorrido melhora em seu estado de saúde, enquanto 8,74% (n = 13) declararam nenhum efeito, 4,73 % (n = 7) a ocorrência de efeitos colaterais e 2,30 % (n = 3) a piora dos sintomas.

Constatou-se que, em média, 80,48 % ($n = 119$) dos discentes tinham conhecimento sobre os efeitos colaterais e contra-indicações dos medicamentos utilizados por conta própria.

Quanto a forma de aquisição dos medicamentos para consumo próprio (Gráfico 3), observou-se que 55,35 % ($n = 82$) dos discentes os adquirem por meio da compra em farmácias/drogarias, enquanto 39,27% ($n = 58$) automedicam-se com medicamentos que têm em casa que restaram de tratamentos anteriores.

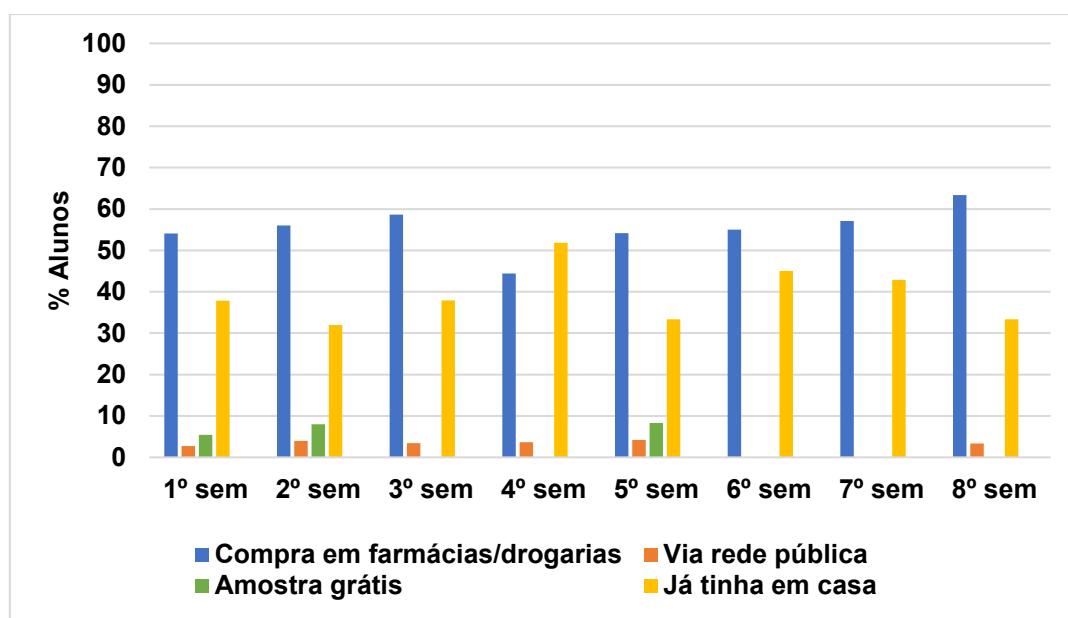


Gráfico 3. Qual foi a forma de aquisição do (s) medicamento (s)?

As fontes de conhecimento sobre medicamentos mais relatadas, em ordem decrescente de frequência de relato, foram: o “Conhecimento próprio” (21,91%, $n = 32$), a “Bula” (20,35%, $n = 30$), o “Farmacêutico/balconista de farmácia” (15,58%, $n = 23$), a “Internet” (14,17%, $n = 21$), o “Médico/dentista” (9,98%, $n = 14$) e “Parentes, amigos e vizinhos” (9,93%, $n = 14$).

Observou-se que, o fato de já ter usado o medicamento em ocasiões anteriores foi o principal motivo responsável por induzir a maioria dos estudantes (50,60 %, $n = 75$) a praticar a automedicação. Além desta resposta, a opção relacionada à facilidade de compra em farmácias/drogarias foi a segunda opção mais marcada com 32,31% ($n = 48$).

Após o ingresso no curso de Farmácia, em média, 74,95 % ($n = 56$) dos discentes responderam que não aumentaram a prática da automedicação.

4. DISCUSSÃO

A pesquisa em questão investigou a problemática da automedicação entre os acadêmicos do curso de Farmácia da UNIPAMPA.

Após análise dos resultados, constatou-se que 79,04 % dos estudantes costumam automedicar-se “quando necessário”. No entanto, acredita-se que o valor desta frequência poderia ter sido maior, como os 91,2 % encontrados por Araújo, Rocha e Souza (2023) em sua pesquisa com acadêmicos do mesmo curso, e só não foi devido a um erro de interpretação dos discentes em relação ao termo “quando necessário”. Os mesmos poderiam ter entendido como, quando os sintomas aparecem, e estes podem ser frequentes, o que não caracterizaria a prática como esporádica, mas sim rotineira, tornado os resultados mais elevados. Se analisado desta forma, a frequência da automedicação seria elevada e se justificaria pela facilidade de acesso aos MIPs, que se utilizados de forma errada podem causar interações medicamentosas, reações adversas e erros de medicação.

De acordo com a presente pesquisa, 92,57 % dos acadêmicos demonstraram ter conhecimento sobre os efeitos da automedicação. Este resultado corrobora com o encontrado por Lima e colaboradores (2017), que relataram em seu estudo que 93,10 % dos estudantes de Farmácia acreditam que a automedicação pode trazer algum dano à saúde. É importante salientar que, no Brasil, os medicamentos são os principais causadores de intoxicações, sendo causadores frequentes de efeitos colaterais e alergias em razão da falta de informações sobre eles, havendo, neste caso, a necessidade de atenção profissional especializada (SILVA, 2014).

A respeito da frequência com que os estudantes procuram ajuda médica, constatou-se que 37,03 % realizaram sua última consulta a “mais de 3 meses”. Esta informação pode estar relacionada à gravidade dos sintomas, ou seja, quando não é mais possível realizar o autodiagnóstico e a automedicação. Tal comportamento não significa descaso com a própria saúde, mas o envolvimento de outras questões como, a impossibilidade de faltar ao trabalho para realizar uma consulta, a dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde, as longas listas de espera, a falta de profissionais, além do atendimento rápido e impessoal. Isso acaba motivando-os a usarem MIPs, para o alívio de sintomas considerados mais simples (CHIMELLO, 2013; MACEDO, 2016).

As classes de medicamentos mais utilizadas para automedicação foram os MIPs como analgésicos (15,76%), anti-inflamatórios (15,15%) e antigripais (14,03%). Esses resultados vão ao encontro dos problemas de saúde motivadores para automedicação como alívio da dor (27,50 %) e dos sintomas da gripe ou resfriado (23,26 %). Ao analisar outros estudos realizados com acadêmicos de Farmácia (COELHO, 2017; LIMA *et al.*, 2017; ARAÚJO; ROCHA; SOUZA, 2023), constatou-se que os resultados obtidos por estes pesquisadores estão de acordo com o presente estudo, ou seja, o uso de medicamentos por conta própria limita-se ao alívio da dor em geral e de sintomas relacionados à gripe e resfriados. Nota-se que há uma repetição no padrão de consumo das classes de MIPs entre os estudantes de Farmácia, quando comparados a outras pesquisas realizadas sobre o mesmo tema (SILVA *et al.*, 2014; RODRIGUES *et al.*, 2016; COELHO, 2017; MEDEIROS *et al.*, 2022).

Para 84,23 % dos discentes houve melhora do quadro clínico, após a automedicação com as classes de medicamentos descritas. Constatou-se, ainda, que 80,48 % dos estudantes tinham conhecimento sobre os efeitos colaterais e contraindicações dos medicamentos utilizados por conta própria. Esse resultado pode ser comprovado pelo baixo percentual de ocorrência de efeitos colaterais relatados por 4,73 % dos discentes, quando comparado aos 10,14 % encontrados por Coelho (2017) e 12,87 % por Lima e pesquisadores (2017). Os dados referentes às automedicações e aos efeitos adversos podem estar diretamente relacionados, não somente ao período da graduação, como também ao acúmulo de conhecimentos adquiridos em atividades práticas, o qual torna os acadêmicos mais seguros e confiantes na tomada de decisões.

Essa autoconfiança também se repete em relação a fonte de busca de informações sobre o uso de medicamentos na forma de automedicação. Nesta pesquisa, observou-se que 21,91 % dos alunos usam o “conhecimento próprio” no momento da escolha do medicamento a ser usado por conta própria. Resultado este que foi menor se comparado aos 50,68 % obtidos por Coelho (2017). Acredita-se que a repetição do uso de medicamentos de tratamentos anteriores, de consultas médicas antigas, também tenha contribuído para esta resposta.

A respeito sobre a forma de aquisição dos medicamentos para consumo próprio, 55,35 % dos alunos o fizeram por meio de compras em farmácias e drogarias. Esta resposta ilustra bem o cenário de venda facilitada de medicamentos, onde a orientação ao paciente faz-se essencial para evitar quaisquer perigos que a compra e o uso de medicamentos sem

receita possam ocasionar. Os demais 39,27 % automedicam-se com os medicamentos que têm em casa. A estocagem de medicamentos como analgésicos, anti-inflamatórios, antialérgicos, antigripais e antitussígenos, utilizados para redução de distúrbios menores, faz parte da rotina das pessoas. Tal ação pode ser perigosa, pois ajuda a mascarar os sintomas de doenças, contribui para causar intoxicações acidentais em crianças, quando armazenados em locais não seguros, e evita as consultas médicas. Uma alternativa para reduzir este problema seria a venda de medicamentos na forma fracionada. No entanto, este serviço não é oferecido ao consumidor pelas farmácias e drogarias, embora existam normas para implementação deste serviço na legislação (BRASIL, 2006).

A questão de já terem usado o medicamento anteriormente (50,60 %) seguido pela facilidade de compra na farmácia (32,31%) foram os principais motivos que induziram os discentes a praticarem a automedicação. Estes resultados corroboram com o estudo realizado por Silva e colaboradores (2014) onde 30,70% das razões de se automedicar são baseadas no sucesso do uso de medicamentos de tratamentos anteriores. Pesquisas conduzidas em países desenvolvidos e em países em desenvolvimento têm apontado que os motivos da automedicação estão associados à presença de sintomas menores que não são preocupantes para o paciente, a dificuldade de conseguir a consulta médica em tempo hábil, a publicidade irresponsável, além da falta de regulamentação e fiscalização sob a venda de medicamentos pelos órgãos responsáveis (LIMA *et al.*, 2018).

Verificou-se que, apesar do fato de serem alunos do curso de Farmácia, e, por essa razão, terem o conhecimento aprofundado sobre as disciplinas de farmacocinética, farmacodinâmica, farmacotécnica, toxicologia de medicamentos ao longo da graduação, não houve aumento da prática da automedicação entre os estudantes (74,95 %). Esse resultado, apesar de positivo, não reflete a realidade de outros cursos de Farmácia no país, como pode ser relatado por Silva e colaboradores (2014), onde 53,00 % dos acadêmicos aumentaram o hábito de automedicarem-se. A universidade é vista como uma fonte geradora de conhecimentos para estudantes da área da saúde, o que os leva a crer que estão mais aptos a esta prática. No entanto, outros fatores devem ser considerados ao usar, por conta própria, ou indicar medicamentos sem prescrição para alguém (SILVEIRA *et al.*, 2014; NOGUEIRA *et al.*, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade, como instituição formadora de condecorados de diversas áreas, entre elas a da Farmácia, caracteriza-se por ser um ambiente onde os discentes passam a ter o primeiro contato com a área de atuação. Embora os futuros profissionais tenham acesso a informações importantes sobre o uso de medicamentos, essa percepção de segurança, muitas vezes falsa, pode aumentar a incidência da prática da automedicação, especialmente nos anos mais avançados do curso.

Esta hipótese, felizmente, não foi confirmada nesta pesquisa, pois um número bastante expressivo (74,95 %) de estudantes de Farmácia da UNIPAMPA, não utilizaram os conhecimentos adquiridos durante a graduação para automedicarem-se. Mesmo com este resultado positivo, é importante que o curso se preocupe em desenvolver práticas educativas como, a realização de debates, seminários e projetos enfatizando o uso consciente de medicamentos e os riscos provocados pelo seu uso irracional. Tal prática permitirá a identificação de falhas na formação dos próximos farmacêuticos, criando estratégias direcionadas para melhorias deste assunto no curso.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Larissa Mayara Aristóteles De. et al. Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). **Revista Medicina & Pesquisa**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 39-50, 2015.
- NOGUEIRA, Waleria Bastos. et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE on line**. Recife, v. 1, n. 13, p.363-370, 2019.
- ARAÚJO, Clerislane Silva; ROCHA, João Marcos Rodrigues; SOUZA, Enzo Costa De. Automedicação por acadêmicos do curso de Farmácia de uma instituição de ensino superior privada no interior da Bahia. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 9, n. 4, p. 13584-13595, 2023.
- ARRAIS, Paulo Sérgio. et al. Perfil da Automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 37, n. 1, p. 71-77, 1997.
- BISPO, Naiara Santos. et al. Automedicação: solução ou problema? **XVI SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS**. Salvador, v. 16, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União. Brasília/DF, 13 de junho de 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **RDC nº. 80, de 11 de maio de 2006. Dispõe sobre o fracionamento de medicamentos.** Diário Oficial da União. Brasília/DF, 11 de maio de 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/Lisiane/Downloads/rdc-80-de-11-maio-2006-1.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARREGAL, Daniel Corradi.; SILVEIRA, Luiza Oliveira Prata. Analysis of the self-medication pattern among Brazilian users of the public health system. **Peer J Preprints.** Califórnia, v. 2(1): 7-14, 2014.

CHIMELLO, Tatiane; VIANNA, Luiz Fabiano. Índice de uso de medicamentos sem prescrição médica no município de São Domingos, SC. **Infarma Ciências Farmacêuticas.** São Paulo, v. 22, n. 1/4, p. 28-31, 2013.

COELHO, Carla Silva. **Automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em Ariquemes/ RO.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Farmácia) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/1234>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

DHAMER, Thricy. et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção.** Santa Cruz do Sul/RS, v. 2, n. 4, 2012.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria. et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública.** São Paulo, v. 49, p. 1-8, 2015.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, v.17, n.12, p. 3323-3330, 2012.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Sílvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas. **Revista Gaúcha de Enfermagem.** Porto Alegre, v. 38, n. 1, 2017.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Quase 80% dos brasileiros se automedicam, diz pesquisa Datafolha.** São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/04/quase-80-dos-brasileiros-se-automedicam-diz-pesquisa-datafolha.shtml>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

LIMA, Daniely Mara. et al. Avaliação da Prática da Automedicação em Acadêmicos do Curso de Farmácia em uma Instituição Privada de Ensino Superior em Fortaleza/CE. **Revista Expressão Católica Saúde.** Quixadá/CE, v. 2, n. 1, p. 17-22, jun. 2017.

MACEDO, Giani Rambaldi. et al. O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil. **Revista Transformar.** Itaperuna, v. 9, p. 114-128, 2016.

MEDEIROS, Isabella Mattos; ARAÚJO, Bruna Rosa De; GOMEZ, Luis Fernando Borja. A automedicação em estudantes de medicina: uma revisão sistemática. **Scientia Naturalis.** Rio Branco/AC, v. 4, n. 2, p. 685-695, 2022.

MOTA, Daniel Marques. *et al.* Uso racional de medicamentos: uma abordagem econômica para tomada de decisões. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 13, p. 589-601, 2008.

OLIVEIRA, Janine Marinho De. **Perfil da automedicação em estudantes universitários: revisão de literatura - UFAL**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Farmácia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/10088>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **The role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative group on the role of the pharmacist**. The Hague, The Netherland, 1998.

PONS, Emilia Da Silva. *et al.* Predisposing factors to the practice of self-medication in Brazil: Results from the National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines (PNAUM). **PLoS One**. Hong Kong, v. 2, n. 12, 2017.

RATHISH, Devarajan. *et al.* Pharmacology education and antibiotic self-medication among medical students: a cross-sectional study. **BMC Research Notes**. Reino Unido, v. 10, p. 1-5, 2017.

RODRIGUES, Caroline; PEREIRA, Ilayne Antonia Gomes. Prevalência da automedicação entre acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás-Campus Ceres. **Revista de Biotecnologia e Ciência**. Anápolis, v. 5, n. 1, p. 36-52, 2016.

SANTOS, Thiago Sampaio Dos. *et al.* A Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. **Scientia Plena**. São Cristóvão, v. 14, p. 1-9, 2018.

SILVA, Edson; ROCHA, Maria Dos Anjos Da; DAMASCENO, Eurislene. Automedicação em acadêmicos do primeiro e último ano do curso de farmácia da Faculdade de Saúde Ibituruna em Montes Claros/MG. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**. Brasília, v. 1, n. 1, p.19-24, 2014.

SOUZA, Josinaldo Furtado De. *et al.* Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, p. 98105-98116, 2020.

TARLEY, Marília Gabriela Gonçalves. *et al.* Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na Universidade de Marília/SP. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, São Paulo, v. 23, p. 22-27, 2018.